

# “Este Lugar do Mundo: Portugal”.<sup>1</sup>

## O lugar da memória, um lugar na memória

Maribel PARADINHA

Lectora del Instituto Camões en la UNAM

Premio Nobel de Literatura en 1998, hombre de Letras, autor prolífico, personalidad polémica y, para muchos, voz autorizada sobre temas de la actualidad, el escritor portugués José Saramago fue, muchas veces, mal entendido por los hombres de su tiempo y de su país. Dividido entre su amor a la patria y el rencor a los poderes institucionales, el Premio Nobel portugués se vio “obligado” a vivir en el único país que tiene fronteras con Portugal, el eterno enemigo y “peligro” para la soberanía e independencia de la nación portuguesa.

Este artículo pretende dar a conocer parte de la relación del más grande embajador contemporáneo de la lengua portuguesa con su país de origen y algunas de las razones que llevaron a Saramago a elegir el “exilio”.

PALABRAS CLAVE: Saramago, Portugal, exilio, polémica, Iberismo.

Nobel Prize in Literature in 1998, man of Letters, prolific author, controversial character and, to many, an authoritative voice about current topics, the Portuguese writer José Saramago was often misunderstood by men of his time and of his country. Divided between his love for his country and resentment to its institutional powers, the Portuguese Nobel Prize was “forced” to live in the only country that shares borders with Portugal, the eternal enemy and threaten to its sovereignty and independence.

This article aims to raise awareness of the relationship of the greatest contemporary Portuguese ambassador with the country where he was born and explores some of the reasons that made Saramago choose the “exile”.

KEY WORDS: Saramago, Portugal, exile, controversial, Iberism.

### *Urn lugar na memoria*

Falar da obra de Saramago e falar de Portugal soa a tautologia, já que, como veremos ao longo deste trabalho, a linguagem do autor e muitas das referências na sua obra

<sup>1</sup> Permito-me usar aqui um título escolhido por Saramago para apresentar no Congresso de Intelectuais e Artistas em Abril de 1987 (cf. <http://www.josesaramago.org/saramago/detalle.php?id=779>, página visitada a 1 de Novembro de 2010).

marcariam a relação do Nobel da Literatura com o seu país natal,<sup>2</sup> tema e objeto deste trabalho que aqui apresentamos. Ainda assim, outros aspectos polémicos marcaram os discursos e as percepções dessa relação que nos pareceu relevante destacar à volta do autor de *Viagem a Portugal*, às quais nos dedicaremos depois de um breve enquadramento. Entender o lugar de Saramago na História levar-nos-á, segundo pretendemos, a entender o lugar de Saramago na *memória* do país.

É conhecido que o desaparecimento de José Saramago, aos 87 anos, marcou o panorama literário português e internacional de 2010. Imediatamente a seguir à tomada de conhecimento do falecimento do escritor, o Governo português reuniu extraordinariamente e decretou dois dias de luto nacional em homenagem ao autor português mais traduzido em todo o mundo. Depois de cremado, as suas cinzas seriam divididas entre Portugal e Espanha, onde seriam enterradas perto de uma das suas oliveiras. Uma cerimónia de homenagem congregou várias entidades portuguesas<sup>3</sup> e espanholas<sup>4</sup> e foi anunciado que as cinzas em Portugal seriam provavelmente enterradas num pequeno jardim, ainda inexistente, em frente à futura Fundação José Saramago, que se prevê sediada na Casa dos Bicos, em Lisboa, junto de uma oliveira da sua terra natal, Azinhaga do Ribatejo, dum banco e duma inscrição retirada do romance *Memorial do Convento*: “Mas não subiu às estrelas, se à terra pertencia”,<sup>5</sup> para homenagear a sua memória.

Uma atividade literária singular e as suas intervenções sobre vários aspectos e problemas do mundo posicionaram o escritor português como uma voz forte e crítica da consciência política e cívica na chamada “crise de identidade”, que atinge as sociedades modernas e à qual ele próprio se associa:

José de Sousa teria sido também o meu nome se o funcionário do Registo Civil, por sua própria iniciativa, não lhe tivesse acrescentado a alcunha porque a família do meu pai era conhecida na aldeia: Saramago. [...] Só aos sete anos, quando tive de apresentar na escola primária um documento de identificação, é que se veio a saber que o meu nome completo era José de Sousa Saramago... Não foi esse, porém, o único problema de identidade com que fui fadado no berço.<sup>6</sup>

Personalidade polémica, a prolifera produção de obras às quais se reconhecem prestígio e qualidades estéticas, as traduções destas em várias línguas e a voz autorizada que lhe era reconhecida para opinar sobre temas da actualidade fizeram prova-

<sup>2</sup> Se não, vejamos inclusive o título *Viagem a Portugal*, publicado em 1981 (mesmo tendo em conta de que se tratou de uma encomenda).

<sup>3</sup> A cerimónia contou com o discurso de António Costa, presidente da Câmara Municipal de Lisboa; Jerónimo Sousa, secretário-geral do PCP (Partido Comunista Português); Carlos Reis, em representação da Fundação José Saramago; e Gabriela Canavilhas, ministra da Cultura portuguesa. Várias outras personalidades e anónimos estiveram presentes.

<sup>4</sup> María Teresa Fernández de la Vega, vice-primeira-ministra espanhola.

<sup>5</sup> *In Jornal de Letras*, Ano XXX, nº 1037, de 30 de Junho a 13 de Julho de 2010, p. 7.

<sup>6</sup> Cf Autobiografia no site da Fundação José Saramago: <http://www.josesaramago.org/saramago/detalle.php?id=677> (consultado a 1 de Novembro de 2010).

velmente de José Saramago o maior embaixador contemporâneo da língua portuguesa no mundo.

Elemento da primeira direção da Associação Portuguesa de Escritores, diretor-adjunto do jornal *Diário de Notícias*, jornalista, tradutor, dramaturgo, cronista, contista, romancista e poeta, a carreira literária de Saramago inclui cerca de 40 títulos, publicados a um ritmo regular a partir de 1966.<sup>7</sup> Membro do partido comunista desde 1969, José Saramago viu-se envolvido na Revolução de 25 de Abril de 1974 (conhecida como a Revolução dos Cravos), que pôs fim ao regime ditatorial em Portugal, e foi voz ativa das causas sociais um pouco por todo o mundo.<sup>8</sup> Aliás, esta seria a visão da Literatura para o escritor português, que a considerava cada vez mais necessária: “O que devemos ter em conta é que não se pode esperar de uma sociedade descomprometida —como o é a sociedade do nosso tempo— que fabrique, por assim dizer, uma literatura. [...] Uma literatura de compromisso é cada vez mais necessária; e embora não se trate de um compromisso político, é importante que tenha, sim, um compromisso ético”.<sup>9</sup>

Várias vezes galardoado em Portugal (nomeadamente com o Prémio Camões,<sup>10</sup> em 1995) e no estrangeiro,<sup>11</sup> a atribuição do Prémio Nobel, em 1998, trouxe não só a consagração ao escritor, como também o primeiro Nobel da Literatura a Portugal e à língua portuguesa, bem como um impulso à internacionalização da literatura portuguesa.

### *Saramago e Portugal: a polémica e o sentido de pertença*

Não seria, talvez, despropositado pensar que as origens modestas da família de Saramago o terão levado a defender as causas dos mais desfavorecidos socialmente, bem como a sua condição de português o terá levado à defesa das culturas “menores”. Apesar de polémico e de alguns dissabores com algumas pessoas em Portugal, Saramago parece ter guardado pela sua terra e pelo seu país um apreço muito especial.<sup>12</sup> Saramago

<sup>7</sup> A primeira publicação de Saramago, *Terra do Pecado*, surge em 1947. Só em 1966 volta a publicar (desta feita, um livro de poesia, *Os Poemas Possíveis*) de forma contínua. O próprio Saramago explica, num texto autobiográfico, esta ausência de 19 anos: “[...] começava a tomar-se claro para mim que não tinha para dizer algo que valesse a pena” (in <http://www.josesaramago.org/saramago/detalle.php?id=677>, consultado a 1 de Novembro de 2010).

<sup>8</sup> É conhecida a posição de Saramago em relação à causa zapatista (“Todos somos Chiapas”), ao conflito israelo-palestino, ou ainda a recusa da distinção *Honoris Causa* pela Universidade do Pará, no Brasil, alegadamente quando soube que o governador Almir Gabriel teria sido o responsável pela morte dos 19 militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

<sup>9</sup> Palavras proferidas por José Saramago, em San José de Costa Rica, a 17 de Junho de 1998, reunidas na publicação póstuma *Saramago en sus Palabras* (cf. <http://cademo.josesaramago.org/2010/10/26/uma-literatura-cada-vez-mais-necessaria/>, consultado a 1 de Novembro de 2010).

<sup>10</sup> O maior prémio literário em língua portuguesa.

<sup>11</sup> Para consulta dos mais de 100 prémios e distinções atribuídas ao escritor português, consulte-se a página da Fundação José Saramago: <http://www.josesaramago.org/saramago/detalle.php?id=680> (consultado a 1 de Novembro de 2010).

<sup>12</sup> Segundo a edição eletrónica do jornal *Diário de Notícias*, onde o próprio Saramago trabalhou

insurgia-se contra a ideia de que os países pequenos não fossem tidos em conta, como aconteceu no discurso que proferiu no Congresso de Intelectuais e Artistas, em Abril de 1987:<sup>13</sup>

De alguma maneira se poderia mesmo afirmar que não há, neste nosso mundo, espaço para os países pequenos, excepto quando pertençam ao clube dos ricos, o que tanto pode acontecer por méritos próprios como por alheias conveniências. A voz dos pequenos países, que as regras básicas da participação democrática ainda permitam que se ouça, é geralmente ouvida com um curioso misto de impaciência e benevolência, muito semelhante à atitude com que os adultos dão atenção às crianças. Os países pequenos são umas crianças.

A defesa dos países pequenos não foi, porém, feita de maneira generalizada e indireta. Saramago teria a intenção de referir-se especificamente a Portugal. O mesmo discurso, mais à frente, esclareceria a visão que o mundo teria, segundo ele, do seu próprio país:

A indústria cultural do nosso tempo [...] tem vindo a reduzir a mero papel de figurantes os países pequenos, condenando-os a um maior ou menor grau de invisibilidade e inexistência. Há alguns anos, seis altos funcionários do Mercado Comum precisaram de meia hora para descobrirem, numa espécie de jogo de salão, que país era o meu, apesar de que todos os dados que lhes ia fornecendo, com uma paciência cada vez menor e uma indignação cada vez maior. Disse-lhes tudo, excepto o nome de Portugal: população, origem da língua, religião, superfície territorial, regime político, falei-lhes da antiguidade das nossas fronteiras, fui ao ponto de revelar que a ocidente e a sul tínhamos o oceano como vizinho. Inútil: durante meia hora nada disto foi suficiente para que conseguissem ver Portugal. No mapa de uma Europa que é, precisamente, o seu campo de trabalho, esses funcionários, de cuja competência técnica não me atrevo a duvidar, pura e simplesmente, não viam Portugal. Ou eles eram cegos, ou Portugal não existia para eles (*ibid.*).

Mais tarde, intencionalmente ou não, com a atribuição do prémio Nobel ao autor, as polémicas em que se viu envolvido com o país e a militância política pelas causas sociais, deram a Saramago uma visibilidade internacional não negligenciável que arrastou consigo o seu país de origem, do qual se terá “exilado”.

A designação de “exílio”, algumas vezes usada para se referir à sua mudança para Lanzarote, parecia descabida a Saramago, que a ela reage da seguinte maneira: “Que disparate! Sou uma pessoa que mudou de bairro ou que decidiu ir para outra casa

no conturbado período do pós-25 de Abril, o autor terá comprado casa em Lisboa e terá expressado a sua vontade de que as suas cinzas fossem enterradas na sua terra natal (*cf.* [http://dn.sapo.pt/inicio/artes/interior.aspx?content\\_id=1596640](http://dn.sapo.pt/inicio/artes/interior.aspx?content_id=1596640), consultado a 1 de Novembro de 2010).

<sup>13</sup> *In* <http://www.josesaramago.org/saramago/detalle.php?id=779> (consultado a 1 de Novembro de 2010).

porque o vizinho do patamar de cima fazia muito barulho! <sup>14</sup> Apesar da *mudança de bairro*, Saramago afirma em entrevista dada a Carlos G. Santa Cecília<sup>15</sup> estar atento ao que se passa no seu país e garante que, contrariamente a Ricardo Reis, a quem toma como elemento comparativo, não se afastou de Portugal: “Elegi Ricardo Reis por ser o oposto de mim. Não por afinidade, mas por contradição. Reis separou-se da vida, separou-se de Portugal, e eu procuro, na medida das minhas possibilidades, acompanhar a vida portuguesa. Por isto o elejo, para falar dele e para falar de mim. São dialécticas contrárias”.

Tão próximo estaria Saramago do seu país que teria em mão, noutra entrevista, o argumento que quis expor como definitivo, quando declarou ter recusado o pagamento de impostos a Espanha, país onde residia: “Eu tenho cá a minha casa e a minha residência fiscal sempre foi em Lisboa, ou seja, [...] [q]uanto aos impostos, e é por aí que também se vê o *patriotismo*, pago-os pontualmente em Portugal”.<sup>16</sup>

É curioso verificar que a declaração pública do seu apreço por Portugal no Congresso de Intelectuais e Artistas, anteriormente citada, é proferida em 1987, ano seguinte à publicação d’ *A Jangada de Pedra*,<sup>17</sup> romance onde, por uma sequência de acontecimentos sobrenaturais e inexplicáveis, a Península Ibérica (Portugal e Espanha juntos) se separa do resto da Europa e erra pelo espaço do Oceano Atlântico.

Esse rompimento físico (e ideológico?) com o Velho Continente poderá ter despertado temores lusos antigos. Simbolicamente, esta separação da Europa implicaria a união de Portugal e Espanha, cujos antecedentes históricos levariam a crer ser esta uma união indesejável, porque nefasta para Portugal (embora não para a Espanha). A viagem isolada desta união a que Saramago propôs chamar *Ibéria* poderá ter sido, portanto, entendida por alguns portugueses,<sup>18</sup> compatriotas do escritor, como lesa-pátria. Tal entendimento dever-se-ia à conhecida simpatia de José Saramago pelos ideais iberistas,<sup>19</sup> já fomentados por republicanos e socialistas, tanto portugueses como es-

<sup>14</sup> Como refere o jornal *Diário de Notícias*: [http://dn.sapo.pt/inicio/artes/interior.aspx?content\\_id=1596640](http://dn.sapo.pt/inicio/artes/interior.aspx?content_id=1596640) (consultado a 1 de Novembro de 2010).

<sup>15</sup> Cf. <http://cademo.josesaramago.org/page/69/> (consultado a 1 de Novembro de 2010).

<sup>16</sup> Vide: [http://dn.sapo.pt/inicio/interior.aspx?content\\_id=661318](http://dn.sapo.pt/inicio/interior.aspx?content_id=661318) (consultado a 1 de Novembro de 2010), sublinhado nosso.

<sup>17</sup> Título, aliás, reeditado em 2010, numa edição especial (*Uma Jangada de Pedra a Caminho do Haiti*), cuja finalidade era oferecer o valor total das vendas às vítimas do catástrofe que atingiu esse país no mesmo ano.

<sup>18</sup> Julgo relevante precisar, a este respeito, que não nos referimos aqui aos portugueses na sua generalidade. A falta de estatísticas mais precisas, seria importante deixar aqui alguns indicadores de iliteracia e analfabetismo em Portugal: a página web da Cimeira Ibero-americana de Chefes de Estado e de Governo aponta, em 2003, uma taxa de alfabetização de 93,3 %, no mesmo ano os relatórios da OCDE apontam Portugal como um dos países com mais altas taxas de iliteracia (cf. [http://www.google.com.mx/url?sa=t&source=web&cd=10&ved=0CFEQFjAJ&url=http://www.rioei.org/deloslectores/1022Cortes.pdf&rct=j&q=taxa%20de%20iliteracia%20em%20portugal&ei=P-7-QTJnqA8Hflgf39oCpDA&usg=AFQjCNF0hx-rt3INs8rLsl\\_BfPNCjeHBTw&cad=rja](http://www.google.com.mx/url?sa=t&source=web&cd=10&ved=0CFEQFjAJ&url=http://www.rioei.org/deloslectores/1022Cortes.pdf&rct=j&q=taxa%20de%20iliteracia%20em%20portugal&ei=P-7-QTJnqA8Hflgf39oCpDA&usg=AFQjCNF0hx-rt3INs8rLsl_BfPNCjeHBTw&cad=rja), consultado a 1 de Novembro de 2010).

<sup>19</sup> Doutrina dos partidários da união ibérica. O Iberismo é um movimento político e cultural que

panhóis, desde finais do século XIX. A defesa do Iberismo valeu ao escritor uma receção da obra baseada em critérios ideológicos, que escapavam à apreciação estética de uma ficção literária e nem sempre tomaram pacífica a relação de Saramago com o seu país de origem. Contudo, a ideia de Saramago não compreendia uma integração total, com apagamento da identidade cultural, como declara em entrevista a João Céu e Lima:<sup>20</sup>

Não vale a pena armar-me em profeta, mas acho que acabaremos por integrar-nos.

[... ] Culturalmente, não, a Catalunha tem a sua própria cultura, que é ao mesmo tempo comum ao resto da Espanha, tal como a dos bascos e a galega, nós não nos converteríamos em espanhóis. Quando olhamos para a Península Ibérica o que é que vemos? Observamos um conjunto, que não está partida em bocados e que é um todo que está composto de nacionalidades, e em alguns casos de línguas diferentes, mas que tem vivido mais ou menos em paz. Integrados o que é que aconteceria? Não deixaríamos de falar português, não deixaríamos de escrever na nossa língua e certamente com dez milhões de habitantes teríamos tudo a ganhar em desenvolvimento nesse tipo de aproximação e de integração territorial, administrativa e estrutural. Quanto à queixa que tantas vezes ouço sobre a economia espanhola estar a ocupar Portugal, não me lembro de alguma vez termos reclamado de outras economias como as dos Estados Unidos ou da Inglaterra, que também ocuparam o país. Ninguém se queixou, mas como desta vez é o castelhano que vencemos em Aljubarrota que vem por aí com empresas em vez de armas... [... ] Não iríamos ser governados por espanhóis, haveria representantes dos partidos de ambos os países, que teriam representação num parlamento único com todas as forças políticas da Ibéria, e tal como em Espanha, onde cada autonomia tem o seu parlamento próprio, nós também o teríamos.

Cabe esclarecer que a militância política de Saramago não era tranquilizadora para um povo maioritariamente conservador e iletrado, conduzido durante cerca de meio século pela mão da Ditadura (1926-1974). A ocupação dos latifúndios promovida pelos partidários da doutrina comunista e a sua visível ligação aos trabalhadores rurais do Alentejo compõem a trama de *Levantado do Chão*, obra publicada em 1980. Apesar

defende a melhoria das relações entre Espanha e Portugal e a construção de um novo Estado, o Estado Ibérico, a partir da união política de ambos. Fomentados por republicanos e socialistas de ambos os países em finais do século XIX, os ideais iberistas teriam como finalidade fortalecer um novo Estado que ganharia relevo no panorama europeu e internacional: o Estado Ibérico passaria a ocupar o 44º lugar entre os maiores países do Mundo, o 5º maior da União Europeia, o 24º mais populoso do mundo, faria aumentar o PIB (Produto Interno Bruto) e o IDH (índice de Desenvolvimento Humano). O Iberismo tinha já sido defendido por Teófilo Braga, presidente do governo provisório da República portuguesa, que comemora este ano 100 anos de existência (5 de Outubro de 1910). Além deste e de Saramago, também defenderam o integralismo outras personalidades importantes do panorama literário e político português, entre os quais: António Lobo Antunes, Miguel Torga, Eduardo Lourenço, Antero de Quental, António Sardinha, Mário Lino, Latino Coelho, e Henriques Nogueira. A ideia recebeu apoio de espanhóis como Miguel de Unamuno e Pérez-Reverte bem como de outras personalidades internacionais como Günter Grass.

<sup>20</sup> In [http://dn.sapo.pt/inicio/interior.aspx?content\\_id=661318](http://dn.sapo.pt/inicio/interior.aspx?content_id=661318) (consultado a 1 de Novembro de 2010).

de crítico em relação a aspetos mais ortodoxos da doutrina comunista<sup>21</sup> e ainda que pouco ou nada conhecesse o *povo* da obra do autor, Saramago não escaparia à conotação negativa que era atribuída ao Comunismo em Portugal nos tempos do Estado Novo. O Partido Comunista Português, que atuava clandestinamente em Portugal, representava um perigo para o regime ditatorial do Estado Novo, já que se opunha ao colonialismo (colocando em perigo a sobrevivência do Império Colonial Português) e defendia a divisão da terra por quem a trabalhasse. Saramago, sendo filiado no partido e tendo emitido opiniões condizentes com a ideologia comunista, não pôde escapar a ser visto, por alguns elementos das estruturas do poder, embora não de maneira generalizada, como *persona non grata* para o país.

Posto isto, poderia, assim, entender-se que o modelo iberista defendido por Saramago terá sido recebido em Portugal com certo receio, já que terá sido entendido como um rememorar de um acontecimento visto como traumático na História do país: a anexação de Portugal a Espanha durante 60 anos, nos reinados de Filipe I, II e III de Portugal (Filipe II, III e IV de Espanha) e a consequente perda da independência nacional. Esta perda da independência em 1580, restaurada a 1 de Dezembro de 1640,<sup>22</sup> terá posto em causa a soberania e a identidade nacional que Portugal terá depois defendido em grandes campanhas nacionalistas durante o período que o historiador Manuel Loff (2002: 26) designou como sendo o “século do Nacionalismo Português” (1870-1970). Sensivelmente durante este período, Portugal envidou todos os esforços para a defesa dos valores históricos e culturais nacionais, num marcado afincamento patriótico, perseguido pelo fantasma silencioso e latente da perda identitária: comemorando os Descobrimentos Portugueses, homenageando os heróis do passado (designadamente, o primeiro rei de Portugal, D. Afonso Henriques, entre outros) em festejos ou privilegiando-os na produção teatral da época ou noutras artes (nomeadamente a filatelia), abrindo concurso para a eleição da “aldeia mais portuguesa de Portugal”, entre outros.<sup>23</sup> Tais iniciativas denotariam a fragilidade do antigo grande Império Português, ameaçada desde então pela vizinha Espanha. A união ibérica não poderia, assim, senão ser entendida como um perigo eminente ou, pelo menos, como uma provocação desnecessária.

### ***Portugal e o ateísmo de Saramago***

Esta não seria, contudo, a única provocação que Saramago *faria* aos *portugueses*. A previsão (ou o desejo) da união ibérica seria uma polémica menos ruidosa (ou pelo menos, não tão generalizada) do que a que seguiu com a publicação d’ *Evangelho Segundo Jesus Cristo*, em 1991, e que terá motivado José Saramago a ir viver para

<sup>21</sup> Como afirma o escritor Urbano Tavares Rodrigues (veja-se: [http://dn.sapo.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content\\_id=1597471](http://dn.sapo.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=1597471), consultado a 1 de Novembro de 2010).

<sup>22</sup> Feriado nacional em Portugal.

<sup>23</sup> Para mais informações, consulte-se o capítulo III de Paradinha (2006).

Espanha. Para tal, terão contribuído as difíceis relações do escritor com a Igreja e os católicos fervorosos, já que o escritor se propõe nesta obra uma leitura revisitada da história da memória dogmática, secularmente transmitida, e de uma figura que ocupa um lugar de protagonista numa tradição católica forte. A partir da gravura de Albrecht Dürer, na qual assenta a construção da ficção, Saramago patenteia, em epígrafe, o seu propósito: “Já que muitos empreenderam compor uma narração dos factos que entre nós se consumaram, como no-los transmitiram os que desde o princípio foram testemunhas oculares e se tomaram servidores da Palavra, resolvi eu também, depois de ter investigado cuidadosamente desde a origem, expor-tos por escrito e pela ordem, ilustre Teófilo, a fim de que reconheças a solidez da doutrina em que foste instruído. Lucas 1, 1-14”.

Convocando num mesmo espaço do livro o tempo da História e o tempo da diegese, Saramago chama a atenção, deliberadamente ou não, através do título escolhido, para uma leitura que ativaria uma memória cultural, cara à religião católica cristã e a um povo visto como um dos mais católicos da Europa, se não do mundo. Através de uma leitura que apresenta a dualidade (Filho de Deus / homem) da figura endeusada sobre a qual repousa a religião católica apostólica e cristã, Saramago contraria a intenção interpretativa dos leitores chamados à obra pelo poder evocativo do título da mesma e pela memória cultural que com ele arrasta e da qual um Jesus Cristo humanizado —capaz de cometer erros e emocionalmente envolvido numa relação amorosa com Maria Madalena— fará parte. Saramago não estará, portanto, no mesmo plano interpretativo do leitor incauto, disposto a ler a obra segundo os parâmetros dessa memória cultural, mais dogmática (se não mesmo exclusivamente dogmática, na maioria dos casos) do que analítica: “Não foi a economia portuguesa ao longo dos séculos que mentalmente fez de mim o que sou; foi essa ideia de Deus, de um Deus particular que criou a Terra e os céus, o ser humano, Adão e Eva, depois Jesus, a Igreja, os anjos, os santos e depois a Inquisição”.<sup>24</sup>

Esta descrição do percurso de Saramago enquanto homem feita por si próprio poderá ter sido uma das tantas que fizeram dele, aos olhos de alguns jornalistas, “um pessimista”. Independentemente do pessimismo que se possa ver nestas e noutras asserções do autor, o que nos parece aqui importante salientar será o percurso evolutivo (quer se dirija a evolução para um pólo positivo ou quer se dirija para um pólo negativo) de um homem a quem a religião se apresentou como um valor seguro e inquestionável ao longo dos tempos. De acordo com as suas palavras, primeiro, parece ter havido nele uma perceção mitológica de um Deus Criador do mundo e dos homens (“essa ideia de Deus”), que depois foi sendo complementada por um conhecimento histórico fundador (o nascimento e a vida de Jesus) e outros posteriores a ele que fizeram, parafraseando as palavras do próprio autor, de Saramago o que ele é:

<sup>24</sup> In Juan Arias, *José Saramago: o amor impossível*, Barcelona, Planeta, 1998 (cf. <http://cademo.josesaramago.org/page/54/>, consultada a 1 de Novembro de 2010).



É preciso um altíssimo grau de religiosidade para fazer um ateu como eu. No sentido etimológico de religião, tomada como aquilo que liga, o que sinto é essa grande ligação a tudo... [...] Se Deus para mim não existe não se pode fazer um ajuste de contas com algo que não existe. A minha mentalidade no fundo é uma mentalidade cristã. Os meus valores e tudo isso estão empapados de cristianismo.

Às vezes dizem-me: por que é que você que é ateu se preocupa tanto com Deus ou se ocupa dele tantas vezes? Porque Deus está aqui. Onde está Deus? Na cabeça de cada um de nós.<sup>25</sup>

Diríamos nós que a percepção mitológica de Deus (isto é, a vivência espiritual — que permite uma explicação satisfatória, com a ajuda de seres superiores e intangíveis, dos factos cientificamente inexplicáveis para os homens— comum a todas as sociedades não modernas) não terá causado no autor maior conflito do que causou depois o cruzamento do plano espiritual com o plano da História. A religião católica partiria de uma figura idealizada de um homem a quem chamaram Filho de Deus e a quem se terá omitido o carácter humano com vista a mostrar como exemplo um homem que estaria, pela sua inigualável e intocável qualidade moral, acima dos outros homens. Jesus recobriria, com *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, esta humanidade despojada.

A enumeração dos momentos da História da religião católica mostram não só uma cronologia ascendente, como também a formação de um sistema de crenças e de valores gradualmente mais complexo que cimeta a institucionalização de um poder (Jesus, a Igreja, os anjos, os santos e depois a Inquisição) e que culminaria com as práticas de poder (das quais o Santo Ofício terá provavelmente sido, juntamente com as Cruzadas, a face mais visível), contrárias aos princípios cristãos fundadores e *defendidos* pela Igreja Católica. Como afirma Saramago em entrevista ao *Diário de Notícias*, em 2009:<sup>26</sup>

[G]anhei muito cedo a consciência do peso da religião na vida humana. E como, depois, quando se entra em leituras históricas e se encontra com o desastre, digamos, do alargamento da influência do cristianismo, que isso custou cidades destruídas, milhares de pessoas mortas, assassinadas, degoladas, queimadas...

As Cruzadas foram qualquer coisa que a Igreja devia pedir perdão! As Cruzadas, imediatamente idealizadas com esse absurdo de avançarem contra os inimigos aos gritos. Que sabem eles de Deus? Fiz essa pergunta a um teólogo há pouco tempo: o que é que sabem de Deus, afinal de contas? Não sabem nada, alguém um dia disse que Deus existe e depois os teólogos não têm feito outra coisa senão armar o andaime para que essa ideia se sustenha.

*O Evangelho Segundo Jesus Cristo* seria, desta feita, de acordo com as palavras de Júlia Marina Graça Schmidt, não só a história de um mundo duplo, que convive

<sup>25</sup> In [http://dn.sapo.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content\\_id=1597501](http://dn.sapo.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=1597501) (consultada a 1 de Novembro de 2010).

<sup>26</sup> In [http://dn.sapo.pt/inicio/artes/interior.aspx?content\\_id=1400654&seccao=Livros](http://dn.sapo.pt/inicio/artes/interior.aspx?content_id=1400654&seccao=Livros) (página consultada a 1 de Novembro de 2010).

simultaneamente com a historicidade dos acontecimentos de cariz religioso —e contraditório, acrescentaríamos nós— e (sobretudo) com um homem-escritor que viu na sua pessoa essa mesma duplicidade:

[A obra é] a proposta de um evangelista temporalmente duplo, que —tendo observado o percurso da vida de Jesus Cristo— irá aproximar dois espaços amplamente distanciados pelo tempo: o passado (histórico e memorial) e o presente (auto-reflexivo, crítico e re-visor). Deste projeto de re-contar a História, o narrador-evangelista vai lançar mão de um conjunto de reflexões (descobertas pelo pintor e o revisor) e de todo um conhecimento adquirido (cultural, ideológico, político e histórico), que lhe permitirão, voltamos a dizer, este olhar crítico e re-construtor de um passado responsável por um presente e criador de um futuro.<sup>27</sup>

A receção desta obra em Portugal, não obstante o seu questionamento moderno, terá sido a principal motivação para a saída de Saramago do país e, conseqüentemente, a sua instalação em Lanzarote, Espanha. Não que a publicação de *per se* a tal o tivesse condicionado. Portugal, conhecido como um país de “brandos costumes, não teria provavelmente reagido de maneira tão intensa à receção da obra.<sup>28</sup> A contrariedade que Saramago viveu parece ter surgido não da receção da sua obra no seu país natal, mas do cruzamento do plano político com o plano da criação estético-literária. A polémica gera-se um ano após a publicação da obra, quando, em 1992,

[O] então subsecretário de Estado da Cultura, António de Sousa Lara, risca o livro da lista de concorrentes ao Prémio Literário Europeu. Considera-o contra o património religioso português. “Censura” e “acto brutal”, acusa Saramago. O escritor parte para Lanzarote, nas ilhas Canárias, Espanha, profundamente zangado com quem assistiu impávido e sereno ao gesto de Lara.

A irritação maior é com o então primeiro-ministro Aníbal Cavaco Silva, a quem Saramago não quis “apertar a mão” durante bastante tempo. O escritor manifesta-se “triste e indignado” pelo boicote à sua obra. E, se já antes tinha decidido viver alternadamente entre Portugal e Lanzarote, desta feita compra apenas um bilhete de ida para a ilha, onde se instala com a sua mulher, Pilar del Río.<sup>29</sup>

<sup>27</sup> Veja-se: <http://www.google.com.mx/url?sa=t&source=web&cd=7&sqi=2&ved=0CDkQFjAG&url=http://www.duo.uio.no/roman/Art/Rf17-03-1/04.Schmidt.pdf&rct=j&q=0%20evangelho%20saramago%20maria%20alzira%20seixo&ei=PvVrTIS7KsPflge4peXRDA&usg=AFQjCNFqPRBd0uGhrxbYLjKmCLc2t8SSBw&cad=rja> (consultado a 1 de Novembro de 2010)

<sup>28</sup> Relembramos que a OCDE posicionou Portugal entre os países com o maior nível de iliteracia. Sob forma de especulação, poderíamos ainda acrescentar que a população leitora em Portugal está entre as pessoas mais escolarizadas (o que não exclui a existência de leitores com menor nível de formação escolar, nem implica, naturalmente, que todos os leitores escolarizados sejam, efectivamente, *leitores*, isto é, que leiam com espírito crítico e analítico).

<sup>29</sup> *Vide*: [http://dn.sapo.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content\\_id=1597498](http://dn.sapo.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=1597498), consultado a 1 de Novembro de 2010.

Sousa Lara fundamentaria o veto feito ao livro a concurso, alicerçando-se numa avaliação do impacto negativo que teria *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* para as convicções religiosas, à qual a Igreja se juntou. Apesar de pessoal, a visão heterodoxa da vida de Jesus, provocou a ira e a censura do Vaticano. Na verdade, este posicionamento da Igreja poderá até ser entendido, na medida em que o livro questiona os fundamentos da religião católica, ainda que como diria o autor (a propósito do Papa Bento XVI), “a Igreja Católica não acab[e] pelo facto de eu pensar assim”.<sup>30</sup> Por outro lado, deveremos ter em conta tratar-se de um romance que, portanto, mais não será do que a expressão de uma visão pessoal do autor sob a forma de ficção ou, em última instância, uma opinião própria sobre um determinado “estado das coisas” que, não sendo lei imposta aos leitores, será um direito de qualquer cidadão, que consta na Declaração Universal dos Direitos do Homem. A ela nos referimos, visto que o poeta Manuel Alegre declarava que o estranhamento de Saramago perante o veto do seu livro era tal que o autor da polémica obra chegou a pensar propor à referida Carta a adição de dois novos direitos: o direito à dissidência e o direito à heresia. Para Saramago, a cisão entre o escritor e o homem parece clara: “Não é o escritor, se me coloca a questão a mim, quem intervém em Chiapas[. ] com o Sem Terra ou com os presos de La Tablada ou em África. Eu diria: ‘Sim, sou escritor mas quem está a tentar intervir em tudo isso é uma pessoa chamada José Saramago’”.

A ela se contraporá a posição da Igreja e, sobretudo, das instâncias de poder portuguesas (na pessoa de Sousa Lara). Numa análise um pouco mais arriscada, poderíamos chegar à conclusão de que, não fazendo distinção entre *narrador*, *autor* e *homem*, o subsecretário de Estado da Cultura luso *castiga* não o *autor* mas o *homem* pelas palavras ousadas de uma personagem fictícia, que desempenha na obra o papel de *narrador*, inventada pelo escritor José Saramago, privando o cidadão português de uma candidatura a um prémio, a que, por ser um elemento produtivo na sua área ocupacional, teria tido direito.

Mais difícil será, portanto, aceitar que numa República com um século de existência,<sup>31</sup> baseada nos ideias da Revolução Francesa e nos princípios de democracia, cidadania e laicidade do Estado,<sup>32</sup> o poder político interfira na defesa da Igreja, *censurando* uma obra passível de ferir os interesses desta e outorgando-lhe um poder que a República considerou excessivo e que desde Teófilo Braga (presidente do governo provisório após a queda da Monarquia) via como um “empecilho ao progresso”.<sup>33</sup> Também em

<sup>30</sup> *In* [http://dn.sapo.pt/inicio/artes/interior.aspx?content\\_id=1400654&seccao=Livros](http://dn.sapo.pt/inicio/artes/interior.aspx?content_id=1400654&seccao=Livros), consultado a 1 de Novembro de 2010.

<sup>31</sup> Comemoram-se este ano os 100 anos da implementação da República Portuguesa (5 de Outubro de 1910).

<sup>32</sup> Uma das primeiras ações do regime republicano consistiu na expulsão das ordens religiosas, três dias após ter assumido a governação do país.

<sup>33</sup> Com a instauração da Ditadura Militar, em 1926, primeiro, seguida da Ditadura do Estado Novo, com Oliveira Salazar, que durou até à Revolução dos Cravos, a 25 de Abril de 1974, os ideias da República terão sido relegados para segundo plano durante meio século. Veja-se como, não parecendo irrelevante a ordem dos fatores, o lema do Estado Novo era: Deus, Pátria e Família”.

momentos anteriores na História de Portugal, as obras se viram submetidas às estruturas do poder político: foram canonizadas certas obras em detrimento de outras (Alves, 2001), outras ainda abandonadas ou deixadas cair no esquecimento, como bem o provou Hélio Alves (2003: 7). As relações entre a Igreja e o Estado também levaram, noutros períodos da História de Portugal, à censura literária, quando se entendia que as obras *ofendiam* a moral ou a religião. Em pelo menos dois (longos) momentos marcantes, o critério religioso foi decisivo para a publicação de obras no país: durante a Inquisição e durante o Estado Novo. Nos tempos mais recentes, e nomeadamente no ano do veto à obra de Saramago, tal revela aquilo a que Bhabha (2001: 537) chama o “tempo disjuntivo da modernidade da nação”. O critério de seleção das obras a concurso ao Prémio Literário Europeu, em 1992, denuncia a hierarquia de valores para os então responsáveis por permitir a candidatura d’ *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* e revela como as complexas relações anacrónicas de poder Estado / Igreja<sup>34</sup> se sobrepuseram aos critérios de fruição estética e criativa de uma obra. Por outras palavras, o possível reconhecimento canónico da referida obra de Saramago viu-se, desta maneira, comprometido por mecanismos do poder institucionalizado, que ignoraram a obra, destituindo-a do seu valor literário passível de candidatura ao prémio europeu e mostrando que o critério ideológico (religioso, neste caso) falou mais alto do que o critério estético.

O incidente com Sousa Lara terá irritado Saramago e tê-lo-á motivado a abandonar Portugal, onde só regressará em 2004, ano da publicação de *Ensaio Sobre a Lucidez*, quando o então Primeiro-Ministro português, Durão Barroso,<sup>35</sup> empreendeu uma ação diplomática de “reconciliação”. A polémica voltará a estalar nesse ano, já que Sousa Lara afirma que a decisão de veto à obra de Saramago alguns anos antes teria tido o apoio do então Primeiro-Ministro, Cavaco Silva (apoio que não terá sido revelado em 1992, a fim de não comprometer politicamente o Chefe de Governo). Saramago, tendo aceitado o convite de Durão Barroso, “faz as pazes” com o Governo português e é na sequência desta “reconciliação” que é criada a Cátedra Extraordinária com o seu nome na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Nacional Autónoma do México.<sup>36</sup>

A propósito da polémica que envolveu *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, Manuel Alegre, poeta e político português (ex-candidato à Presidência da República) considera

<sup>34</sup> Além do Vaticano, também D. Eurico Dias Nogueira, arcebispo de Braga, se juntou às valorações negativas da obra, afirmando de que o romance tratava de uma “delirante vida de Cristo”. Por outro lado, o eurodeputado Mário David fez fortes declarações a respeito de Saramago e da publicação desta obra, dizendo-se envergonhado de ser compatriota do autor e afirmando que Saramago deveria renunciar à nacionalidade portuguesa.

<sup>35</sup> Atual Presidente da União Europeia e, na altura do desentendimento de Saramago com Sousa Lara, Ministro dos Negócios Estrangeiros.

<sup>36</sup> Cf. [http://dn.sapo.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content\\_id=1597498](http://dn.sapo.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=1597498), consultado a 1 de Novembro de 2010. A decisão sobre o nome a atribuir à Cátedra parece, assim, não ter sido fortuita, já que inicialmente, de acordo com informação da actual responsável da mesma, Prof. Dra. Claudia Ruiz García, se hesitava entre as escolhas dos nomes de Camões e de Fernando Pessoa para o nome da referida Cátedra.

que a atitude de Portugal para com um Saramago dissidente é preconceituosa e denota “resquícios de dogmatismo”:

Isto é uma história portuguesa cheia de preconceitos e fantasmas. Em primeiro lugar é preciso ler o livro de José Saramago. Ele é um grande escritor, mas parece que não se perdoa a Saramago, ser um grande escritor da língua portuguesa, ser um Prémio Nobel e não ser um homem religioso. [...] Ele escreveu um livro, mas não vejo ninguém discutir o livro. Só vejo discutir as opiniões que com todo o direito ele expressou sobre a Bíblia. [...] As pessoas podem não estar de acordo com aquilo que ele diz, mas como é que se pode pôr em causa a seriedade de um homem que diz aquilo que pensa [?] [...]. [...] Não lhe podem negar o direito de escrever um livro e também não se pode crucificar o Saramago por exprimir as suas opiniões e menos ainda por ser um grande escritor, e menos ainda por ser um Prémio Nobel. [...] E ao Saramago não se perdoa ser um português que se atreveu a ganhar o Prémio Nobel da Literatura e que diz que não acredita em Deus.<sup>37</sup>

As reações dos políticos Sousa Lara e Mário David, bem como as da Igreja, além de deixarem transparecer as relações de poder de que atrás falámos, levantam o véu sobre um Portugal *moderno* que ainda não parece preparado para uma leitura revisitada e um “olhar crítico e re-construtor de um passado responsável por um presente e criador de um futuro”, como referia Júlia Schmidt. Nem em 1992, aquando do veto; nem mais tarde, em 2004, aquando das novas declarações de Sousa Lara; nem em 2009, aquando da publicação de *Cairn*, que voltou a despertar a polémica.

### *(Re)inventar o real?*

A polémica que envolveu Saramago e Portugal esteve, necessariamente ligada ao facto de Saramago ser um escritor dialogante com o seu tempo e com o seu país. Se não vejamos a declaração que o escritor fez numa entrevista em 2009, aquando da publicação de *Caim*. À pergunta sobre se achava que as reações contra *Caim* iriam continuar, Saramago responde: “Não, em Espanha, não. Publicou-se lá recentemente um livro de Fernando Vallejo, *La Puta de Babilónia*, que se fosse eu a escrever aquilo cá em Portugal tinham-me dependurado num desses candeeiros da avenida. [...] O que digo é que a minha pessoa desperta muitos anticorpos nesta terra”.

Há, por outro lado, que considerar que Saramago não deixou nunca de escrever em Português, uma língua que dominava em registos diferentes combinados numa sintaxe e com uma pontuação subversivas já desde *Levantado do Chão*, misturando um registo escrito com um tom coloquial que evidenciava numa profusão de frases idiomáticas, expressões proverbiais populares que, em nenhum caso, ao longo da sua

<sup>37</sup> Declarações de Manuel Alegre à Radio TSF: [http://tsf.sapo.pt/PaginaInicial/Vida/Interior.aspx?content\\_id=1397395](http://tsf.sapo.pt/PaginaInicial/Vida/Interior.aspx?content_id=1397395) (consu

produção literária, foram perdendo intensidade. Tais marcas discursivas mostram a proximidade do escritor que, apesar das desavenças com o país, continuou a mostrar a sua íntima relação com Portugal, se entendermos que a linguagem por ele usada é natural para o leitor português e o registo que usa não foi sendo apagado ou aniquilado por uma linguagem mais neutra e, portanto, mais artificial (nomeadamente se aplicada aos diálogos). É o discurso oral do português contemporâneo que sobressai na expressão literária do autor, enriquecido por um rigor lexical (por vezes exumado do passado) e ao qual Maria Alzira Seixo acrescenta que “os seus livros falam muito de costumes, tradições, artesanato, seja para os valorizar seja para verberar certos aspectos negativos”.<sup>38</sup> N’ *O Memorial do Convento*, o quadro da procissão, o auto de fé, as touradas e todas as descrições mais ou menos longas levariam o leitor a conhecer Lisboa. Nesta obra o leitor “[h]uele sus gentes, sus mercados, sus calles, huele ropas, hierbas, muebles, montes y aguas, huele el humo de los autos de fe y nos atreveríamos a decir que, sin ser Blimunda, casi podemos oler *vontades*”.<sup>39</sup>

Não resta dúvida de que Saramago escreve com a língua que bem conhece, aplicando e distorcendo as expressões idiomáticas, dando mostras de um conhecimento lexical amplo, acumulando frases subordinativas sem perder a lógica discursiva ou se deixar enredar numa complexidade indestrinçável, jogando com a semântica das palavras (como no caso da conhecida epígrafe ao *Ensaio Sobre a Cegueira*: “Se podes olhar, vê; se podes ver, repara.”). Da mesma forma, os contextos sobre os quais escreve são-lhe familiares (sejam eles passíveis de universalização ou mais específicos do contexto português, como os trabalhadores do Alentejo, a literatura, as viagens feitas pelo país e explanadas em livros ou episódios da História de Portugal), não revelando por aí nenhum desejo de rutura:

Viagem a Portugal, livro escrito por encomenda e que se confunde com um álbum de turismo, é o livro de Saramago que melhor consubstancia a sua ligação à terra portuguesa como paisagem, aglomerado humano, edificações urbanas e de arte, dando conta do gosto pelos monumentos, pelas árvores, pela visão alargada do território e, sobretudo, pelos homens que o povoam com sentimentos, criações, linguagem e acção.

O lugar é sempre determinado, a configuração do homem é cuidada, a ligação do homem à terra ou à cidade ou à casa ou a um determinado reduto, decisiva.<sup>40</sup>

Também o recurso à narrativa a partir de factos históricos dá mostras do conhecimento fino que Saramago parece possuir, como afirma Maria Alzira Seixo. Veja-se

<sup>38</sup> *In Jornal de Letras*, Ano XXX, nº 1037, de 30 de Junho a 13 de Julho de 2010, p. 8.

<sup>39</sup> Cf. \ “*Memorial do Convento* de José Saramago: en la encrucijada de la novela histórica”, p. 157 ([http://www.google.com.mx/url?sa=t&source=web&cd=9&sqi=2&ved=0CEIQFjAI&url=http://revis-tas.ucm.es/fil/0212999x/articulos/RFRM0606110123A.PDF&rct=j&q=memorial%20convento%20saramago&ei=T6zVTMazE4\\_2tgPf6P WOCw&usq=AFQjCNFWBOOA9T79G1 wFYD3KvIxóbladLw&kb=l&cad=rja](http://www.google.com.mx/url?sa=t&source=web&cd=9&sqi=2&ved=0CEIQFjAI&url=http://revis-tas.ucm.es/fil/0212999x/articulos/RFRM0606110123A.PDF&rct=j&q=memorial%20convento%20saramago&ei=T6zVTMazE4_2tgPf6P WOCw&usq=AFQjCNFWBOOA9T79G1 wFYD3KvIxóbladLw&kb=l&cad=rja), consultada a 1 de N

<sup>40</sup> *Ibid.*

como n' *O Memorial do Convento*, aparecem “os ambientes sociais particularizados; a admirável capacidade descritiva; a evocação fiel e impressiva do Portugal setecentista; o conhecimento dos meios cortesão, eclesiástico e popular”. Por um lado, tal conhecimento, associado às características da escrita e da obra de Saramago manifestaria uma implicação forte com a sua terra natal; por outro lado, o carácter subversivo da sua escrita e a intencionalidade do seu discurso terão, segundo Maria Alzira Seixo, por objetivo “fazer pensar”:

Duas características lhe são próprias, de forte repercussão na novelística de hoje: uma é a daquela longa frase virgulada, em ritmo de continuidade interior que absorve nesse “continuum” as divisões lógicas e estremadas da sintaxe gramatical, e que, ele o diz, se lhe impôs na escrita de *Levantado do Chão* após a redacção de umas poucas dezenas de páginas; a outra é a de que, no seu texto romanesco que com tal diferença formal nos surge, se toma consistente pela admissão de variações e flexibilidade, cada vez mais essa frase ultrapassa a construção verbal para se tomar sentido de ideias fortes, veiculando-as ou mesmo construindo-as, dramatizando-as, fundando uma poética esteticamente inovadora que vai de par com um pensamento carregado de intenções, o qual intenta justamente fazer pensar.<sup>41</sup>

O seu interesse pela História e a técnica do recurso ao passado não seriam propriamente uma reconstituição do mesmo, mas funcionariam como desencadeadores da auto-reflexão (o “fazer pensar”, atrás mencionado). Saramago coloca o leitor no passado, suficientemente distante no tempo para que este sinta o estranhamento e deixe fluir com mais naturalidade uma apreciação crítica do mesmo de maneira menos filtrada e mais aprofundada. É fazendo-o que o escritor conseguirá mobilizar o leitor, deslocando-o até um tempo sobre o qual a distância facilitará o fluxo crítico, com o intuito de o levar até uma reflexão sobre a sociedade moderna (perguntando-se: “E se... ” a história tivesse sido de outra maneira? ). Sem localizar no passado o leitor, a eficácia do seu objetivo ver-se-ia mais comprometida. Desta maneira, os problemas atuais são transferidos para o tempo histórico do passado e o leitor será, então, capaz, por efeito de confusão temporal (uma espécie de ilusão ótica aplicada ao texto literário), de emitir juízos de valor sobre o presente, tendo como apoio a tela do passado.

Esta convocação do passado e a vontade de fazer refletir sobre o mesmo nasceriam de uma intenção que alguns veem como sendo de “cariz moral”. Tal poderá ser lido como um desígnio de Saramago de repensar o passado (nomeadamente, os erros da História) —através daquilo que Maria Alzira Seixo chama “invenção do real” ou que, em linguagem semiótica se designará por “lógica dos possíveis narrativos”,<sup>42</sup> a fim de re-construir um futuro. Um futuro que provavelmente Saramago terá desejado (para o seu país, para os seus conterrâneos, para si, para a humanidade em geral), preferente-

<sup>41</sup> *Ibid.*

<sup>42</sup> *Ibid.*, p. 7.

mente a um passado que foi esse que a História nos deixou. Tendo por fundo o cenário português, Saramago terá querido levar o público leitor a refletir sobre a História e sobre o mundo, deixando impressas as marcas da sua relação com o seu país natal.

### *Obras citadas*

- ALVES, Hélio J. S. 2001. *Camões, Corte-Real e o sistema da epopeia quinhentista*. Coimbra: Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos.
- BHABHA, Homi K. 2001. “Disseminação: tempo, narrativa e as margens da nação moderna”. Helena BUESCU, João FERREIRA DUARTE e Manuel GUSMÃO, org., *Floresta Encantada. Novos Caminhos da Literatura Comparada*. Lisboa: Publicações D. Quixote.
- LOFF, Manuel. 2002. “Um complexo nacionalista mal assumido”. *História*, ano XXV (III série), Novembro de 2002.
- PARADINHA, Maribel. 2006. *As Cartas de Soror Mariana Alcoforado. Manipulação e Identidade Nacional*. Lisboa: Editorial Caleidoscópio.

### *Webiografia*

- Blog *Outros Cadernos de Saramago*: <http://cademo.josesaramago.org/2010/10/26/uma-literatura-cada-vez-mais-necessaria/> (consultada a 1 de Novembro de 2010).
- NAVAS SÁNCHEZ-ÉLEZI (2006). Memorial do Convento de José Saramago: en la encrucijada de la novela histórica. Coord. NAVAS SÁNCHEZ-ÉLEZI, *Revista de Filologia Románica*. ISSN: 0212-999-X, vol. 23, 123-163. ([http://www.google.com.mx/url?sa=t&source=web&cd=9&sqi=2&ved=0CEIQFjAI&url=http://revistas.ucm.es/fll/0212999x/articulos/RFRM0606110123A.PDF&rct=j&q=memorial%20convento%20saramago&ei=T6zVTMazE4\\_2tgPf6PWOCw&usg=AFQjCNFWBOOA9T79GlfFYD3KvIx6bladLw&kb=l&cad=rja](http://www.google.com.mx/url?sa=t&source=web&cd=9&sqi=2&ved=0CEIQFjAI&url=http://revistas.ucm.es/fll/0212999x/articulos/RFRM0606110123A.PDF&rct=j&q=memorial%20convento%20saramago&ei=T6zVTMazE4_2tgPf6PWOCw&usg=AFQjCNFWBOOA9T79GlfFYD3KvIx6bladLw&kb=l&cad=rja)) (consultada a 1 de Novembro de 2010).
- Página da Fundação José Saramago: <http://www.josesaramago.org/> (consultada a 1 de Novembro de 2010).
- Página do jornal *Diário de Notícias*: <http://dn.sapo.pt/Inicio/> (consultada a 1 de Novembro de 2010).
- SCHMIDT, Júlia Marina da Graça. 2003. “Manual de Pintura e Caligrafia, História do Cerco de Lisboa e o Evangelho Segundo Jesus Cristo —Uma Leitura Trilológica”. *Romansk Forum*, nº 17, 2003-1 (<http://www.google.com.mx/url?sa=t&source=web&cd=7&sqi=2&ved=0CDkQFjAG&url=http://www.duo.uio.no/roman/Art/Rf17-03-1/04.Schmidt.pdf&rct=j&q=o%20evangelho%20saramago%20maria%20alzira%20seixo&ei=PvVrTIS7KsPflge4peXRDA&usg=AFQjCNFqPRBd0uGhrxbYLjKmCLc2t8SSBw&cad=rja>) (consultada a 1 de Novembro de 2010).